



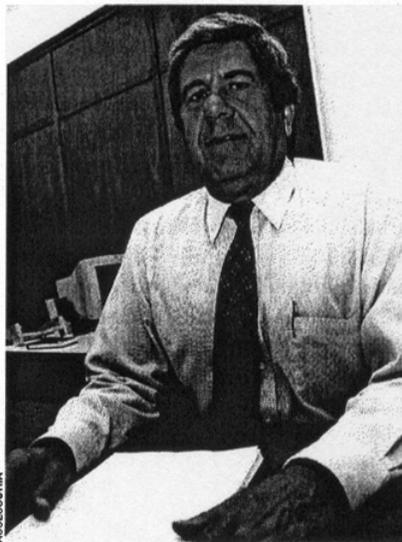
# O céu é o limite

As causas do preço alto são muitas, porém a principal é o desequilíbrio em nível mundial entre a oferta e a demanda das matérias-primas usadas na fabricação de fertilizantes e suplementos minerais

## MARTHA BAPTISTA

**A**gricultores e pecuaristas certamente já sentiram o efeito nos bolsos, mas talvez alguns ainda desconheçam o tamanho da encrência. Quando o preço da arroba do boi gordo finalmente reagiu (em 18 de março atingiu US\$ 45,34, o valor mais alto desde 1970) e as cotações das *commodities* dispararam, os produtores contabilizaram aumentos significativos nos custos de produção, puxados pelos gastos com fertilizantes e suplementos minerais. A turbulência no preço das *commodities*, no final de março, não foi suficiente para interromper a curva ascendente dos principais insumos agropecuários.

As causas dos reajustes são muitas, porém a principal é o desequilíbrio em nível mundial entre a oferta e a demanda das matérias-primas usadas na fabricação de fertilizantes e suplementos minerais, atizado pela pressão por mais alimentos em países emergentes como China e Índia e também pelo aquecimento do mercado de agroenergia. O Brasil pode ser dono do



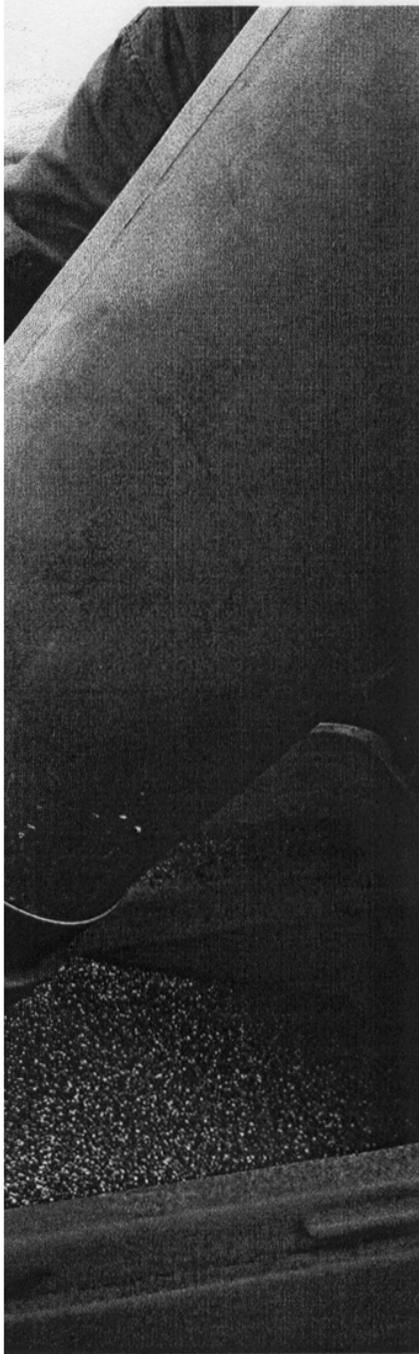
Eduardo Daher, da Anda

maior rebanho bovino comercial e um peso-pesado na produção de grãos e fibras, porém é o quarto maior consumidor mundial de fertilizantes (bem atrás de China, Índia e Estados Unidos) e tem posição vulnerável em relação aos três nutrientes fundamentais para o êxito da atividade agropecuária: cerca de 65% do nitrogênio (N) consumidos no país por meio de ferti-



lizantes são importados, 50% do fósforo (P) e 90% do potássio (K), de acordo com Eduardo Daher, secretário da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda).

O galã dessa história atende pelo nome de fosfato bicálcico, matéria-prima disputada tanto pela indústria de fertilizantes quanto pela de suplementos minerais. O fosfato bicálcico



PANINI

Marrocos é o grande destaque) não estão conseguindo suprir a demanda mundial; e o enxofre (matéria-prima do ácido sulfúrico, que é praticamente 100% importada pelo Brasil) aumentou de US\$ 50 a ton, para US\$ 600 a ton, em pouco mais de um ano (e continua com tendência de alta).

Tudo isso fez com que o fosfato bicálcico subisse 135,3% de março de 2007 a março passado (estava cotado a R\$ 1.840 a ton, em meados desse mês), segundo levantamento da Scot Consultoria, enquanto a cotação média da arroba do boi subiu 34,75% no mesmo período. O aumento mais significativo, acrescenta Gabriela Tonini, ocorreu a partir de dezembro. É importante ressaltar que o fosfato bicálcico responde por 60% do custo de suplementos animais para bovinos, de acordo com a Associação Nacional das Indústrias de Fosfato na Alimentação Animal (Andifós). Isso significa que o aumento do sal mineral de dezembro a março ficou entre 40 e 50%.

**DISPUTA** – Embora o aumento das matérias-primas esteja complicando a vida de agricultores e pecuaristas, estes últimos enfrentam uma situação ainda mais delicada. Segundo o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram), Marcos Baruselli, aproximadamente 90% da produção mundial de ácido fosfórico (a matéria-prima do fosfato bicálcico) são destinados à indústria de fertilizantes. O resultado da oferta reduzida é que algumas indústrias do setor de suplementos minerais já vêm se ressentindo da falta de ácido fosfórico. Em resposta a um questionário distribuído pela Asbram (entidade que congrega cerca de 70 empresas, o equivalente a 80% do mercado), 80% dos associados responderam que estavam com dificuldades para comprar ácido fosfórico e 65% consideraram a possibilidade de demissão de funcionários se a situação persistir.

Em material enviado por e-mail a Produtor Rural, o diretor do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), Ariosto Riva, minimizou a gravidade da situação. “O

tem sua origem numa reação do ácido fosfórico e a cal e esse tipo de ácido, por sua vez, origina-se nas rochas fosfáticas quando em reação com o ácido sulfúrico, explica a médica veterinária Maria Gabriela Tonini, consultora de mercado da Scot Consultoria. Há vários complicadores aí: os países donos das maiores reservas de rocha fosfática para exportação (o



ASSESSORIA

**Maria Gabriela Tonini, da Scot Consultoria**

que aconteceu foram pequenas situações pontuais, que foram agravadas pelo crescimento abrupto na demanda, causado pelos anúncios de aumento de preço de fosfato bicálcico. Houve elevação na procura por sal mineral como tentativa de proteção dos aumentos de fosfato bicálcico, que seria refletida no sal mineral. Não há motivos para falar em desabastecimento, pois a indústria brasileira de fosfato bicálcico tem capacidade instalada suficiente para atender à demanda, como sempre fez”. O diretor acrescentou que desde 2001 a demanda vinha se mantendo com crescimento de 3% ao ano, e no ano passado pulou para 8,4%, sendo plenamente atendida pela indústria. “A indústria ofertou 11,5% a mais de fosfato bicálcico em janeiro deste ano, em relação a janeiro de 2007. A indústria segue firme em busca do atendimento à demanda, projetando para 2008 um crescimento de 8%, quando deverá atingir um milhão de toneladas de fosfato bicálcico vendido”, informou.

Seja como for, equacionar o problema da oferta de matérias-primas para a indústria de suplementos minerais e/ou adubos não é simples. A Asbram tem solicitado ao governo federal, por meio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a redução das alíquotas de

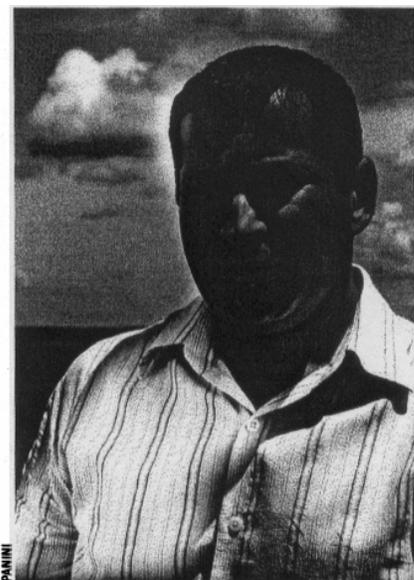
importação de 10% para o fosfato bicálcico e 4% para o ácido fosfórico, criadas para proteger a indústria nacional que, na opinião de Baruselli, não está dando conta de suprir a demanda interna pelas matérias-primas. Ele acredita que a diminuição nas alíquotas permitiria importar matéria-prima a custos mais competitivos, mas reconhece que isso não resolveria o problema diante da pouca disponibilidade dos produtos no mercado internacional.

Outra reivindicação da Asbram é a redução da carga tributária, que diminuiria os custos de produção. De acordo com Baruselli, só com PIS/Cofins os tributos correspondem a quase 10% do custo final dos suplementos minerais. Somadas as despesas com ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços), a carga tributária chega a 1/3 do preço final.

O engenheiro agrônomo Fabrício Morais Rosa, chefe da Divisão de Acompanhamento do Mercado de Insumos Agropecuários da Secretaria de Política Agrícola do Mapa, reconhece que muitas indústrias de fertilizantes preferem importar produtos a investir na expansão da capacidade produtiva para fugir do ICMS, que em Mato Grosso tem uma alíquota de 4,9% e em São Paulo chega a 8,4%. Ele conta que representantes das indústrias chegaram a pedir ao Mapa a isonomia em ter-

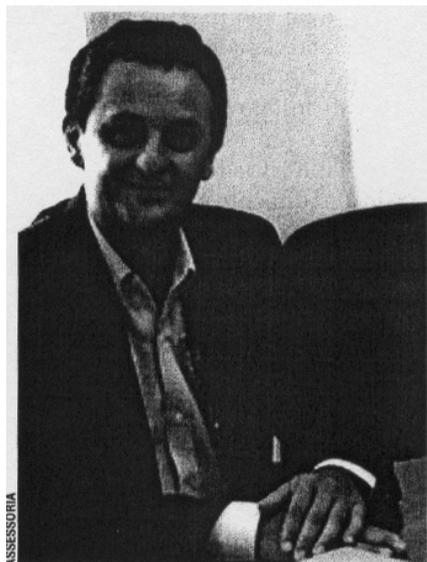
mos de ICMS, um tributo estadual. Na avaliação de Morais Rosa, mesmo com a expansão da indústria de fertilizantes e suplementos minerais o Brasil não deixará de ser importador de matérias-primas (ele lembra que o país depende 100% da importação de enxofre, aquele que é necessário à fabricação do fosfato bicálcico), por isso defende mais investimentos em infraestrutura (portos) por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Um dos gargalos é justamente a demora para o desembarque da carga dos navios, o que encarece os custos. Isso sem falar nos fretes internacionais, que dobraram de preço em um ano devido à demanda crescente por navios, informa o diretor da Anda, Eduardo Daher.

“Países como Estados Unidos, Japão, Índia e China subsidiam os fertilizantes e ainda facilitam o trânsito dos insumos necessários à produção agropecuária. Andamos na contramão”, comenta Morais. “Aqui, se tributa. Lá, se subsidia. Na Índia, por exemplo, um trem de passageiros dá a vez a um trem de fertilizantes. Lá, adubo é questão de segurança nacional”, ecoa Daher.



Glauber Silveira, presidente da Aprosoja

**PERSPECTIVAS** - A situação de “desequilíbrio dramático” entre oferta e demanda de matérias-primas para a indústria não deve ser revertida a curto prazo, na opinião dos especialistas, embora existam algumas perspectivas positivas. A Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja), por exemplo, defende uma mudança na legislação atual para reduzir a dependên-



ASSESSORIA

Marcos Baruselli, da Asbram

## Geografia mineral

Estudo recente da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) sobre as tendências do setor de fertilizantes para 2011/12 aponta que haverá um amplo suprimento dos três principais nutrientes em nível global. As reservas de nitrogênio e fosfato deverão crescer, enquanto as de potássio deverão permanecer mais ou menos estáveis. “O mercado deverá se ajustar até a safra 2011/12 e os preços dos fertilizantes deverão se estabilizar”, acredita Fabrício Morais Rosa, chefe da Divisão de Acompanhamento do Mercado de Insumos Agropecuários da Secretaria de Política Agrícola do Mapa, baseado no estudo da FAO.

De acordo com o documento, o consumo mundial de fertilizantes deverá crescer aproximadamente 1,7% de 2007/08 a 2011/12, o equivalente a um incremento de cerca de 15 milhões ton. A FAO estima que a Ásia responderá por 69% desse crescimento e a América por 19%. Por outro lado, é esperado que a oferta mundial cresça cerca de 30 milhões ton, o que representa uma taxa anual de crescimento de 3% no mesmo período.

A África continuará sendo o maior exportador de fosfato e deve aumentar as exportações de nitrogênio, mas continuará importando todo o potássio de que necessita. É esperado que a América continue sendo importadora de nitrogênio e terá ampliado seu déficit de fósforo, permanecendo como fornecedora primária de potássio. Espera-se que a Ásia aumente sua produção de nitrogênio, mas continuará importando fosfato e potássio.

De acordo com as previsões, a Europa será a região maior exportadora de nitrogênio e potássio no mundo e continuará produzindo fosfato, com tendência de queda. O estudo da FAO prevê ainda que os países da Oceania (Austrália, Nova Zelândia) continuarão tendo déficit dos três nutrientes. O mesmo estudo, finalizado este ano, diz que o consumo total de fertilizantes na América Latina deverá crescer cerca de 2,3 milhões ton, numa taxa anual de 2,7% no período analisado. Esse crescimento na demanda é esperado após a forte recuperação da produção de grãos desde 2006, principalmente no Brasil e Argentina.

cia nacional das fontes de matérias-primas disputadas com outros gigantes, como China, Índia e EUA. “Hoje, fica mais barato importar do que produzir por causa dos impostos, e a maior parte das minas está nas mãos das mesmas empresas que importam”, reclama o presidente Glauber Silveira. Ele se queixa de que algumas delas conseguem a concessão para explorar as minas, porém não investem na produção. “É preciso criar uma política de incentivos para a produção interna dessas matérias-primas”, argumenta Silveira, que critica também a falta de uma política que impeça a cartelização do setor, já que grande parte do mercado está nas mãos de poucas empresas multinacionais.

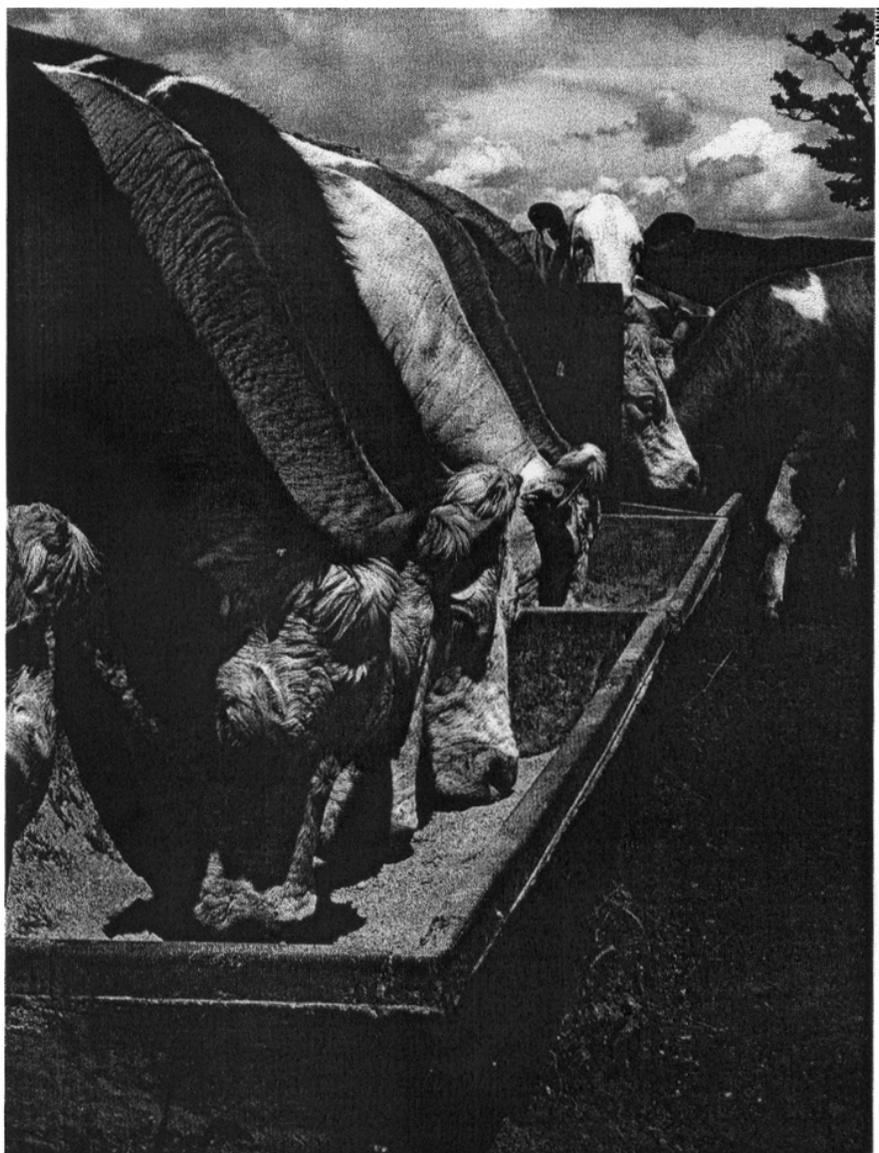
A Aprosoja deu um passo importante para reduzir essa dependência em relação ao fósforo: requereu ao Departamento Nacional de Produção Mineral uma área de 600 mil ha na região de Planalto da Serra (a nordeste de Cuiabá) e, através de uma parceria com a empresa Galvani, deverá fazer a exploração comercial de rocha fosfática. “Se encontrarmos fósforo numa quantidade interessante e viável, vamos mudar o cenário em Mato Grosso”, entusiasma-se o presidente da Aprosoja. O diretor da Anda, Eduardo Daher, diz que a área de fósforo é onde o país tem mais investimentos na prospecção de novas minas, porém ele lembra que a rocha brasileira tem baixo teor de fósforo

comparada à marroquina, o que torna o Brasil menos competitivo.

Quanto ao potássio (K), a situação é mais complicada, já que não existem minérios de potássio no país, diz Daher. Em nível mundial, houve redução da oferta de potássio devido ao alagamento de uma mina nos Montes Urais, na Rússia, que teve de ser fechada. Em relação ao nitrogênio (N), que tem no gás natural sua matéria-prima, o problema maior é político, na visão do dirigente da Anda. “Ninguém vai investir numa fábrica de nitrogenados se do outro lado da torneira tem um cara chamado Evo Morales”, comenta, numa referência ao presidente da Bolívia e à instabilidade no fornecimento de gás natural ao Brasil. “São investimentos muito pesados, cujo retorno só começa a vir em 10 anos”, acrescenta. As perspectivas em nível mundial, entretanto, são boas, já que os líderes dos Emirados Árabes estão descobrindo e investindo nesse filão. “Vamos ter grande produção de uréia em 2010”, aposta Daher. Ele explica: onde se vê gás natural, se vê nafta (gás liquefeito), amônia e uréia.

**SEM SUPLEMENTAÇÃO NÃO DÁ** – Mas, como fica, afinal, a situação dos produtores diante de tudo isso? “Como os preços das *commodities* andaram em alta, as pessoas acham que o produtor está ganhando mais dinheiro, porém o aumento nos preços não implica necessariamente aumento da receita líquida na mesma proporção”, explica o pesquisador Lucílio Alves, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP). Segundo ele, de setembro de 2007 a fevereiro passado, os fertilizantes tiveram um reajuste médio de 45% nos preços e, considerando que representam 33% em média nos custos operacionais, o impacto chega a 15%.

No caso da pecuária, cujos custos de produção vêm historicamente subindo acima da valorização da arroba do boi gordo (estudo da CNA/Cepea-USP revela que, de março de 2003 a dezembro de 2007, a arroba do boi gordo aumentou 23,1%, enquanto os custos da produção subiram 47,5%, na média, em 10

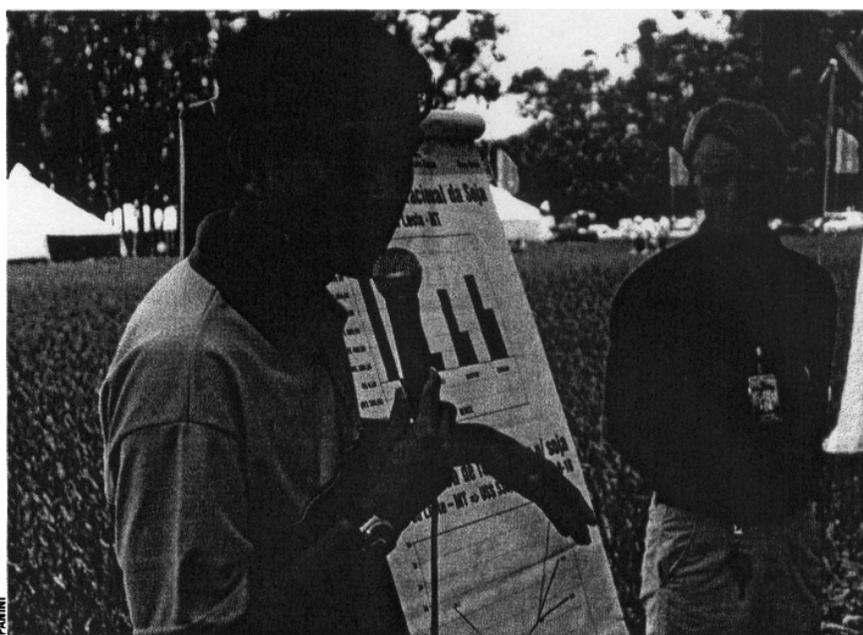


estados pesquisados, entre eles, Mato Grosso), os suplementos minerais, que representavam 22% dos custos operacionais em dezembro passado, aumentaram a sua participação para 27,4% nos primeiros meses deste ano. “Foi um salto considerável”, comenta Paulo César Ferreira, pesquisador do Cepea/Esalq/USP. Ele acredita que o pecuarista vai cortar o suplemento mineral, aumentando a proporção do sal comum, o que deverá afetar índices zootécnicos, como taxas de fertilidade, natalidade, mortalidade em bezeros, etc. O presidente da Asbram, Marcos Baruselli, é taxativo em relação a essa possibilidade de corte:

“O produtor não pode deixar de usar o sal mineral, uma tecnologia já incorporada à produção. A pergunta que ele deve fazer é: quanto vai me custar deixar de usar o sal mineral? Ele precisa melhorar o processo de gestão na propriedade, otimizando, por exemplo, o uso da suplementação mineral”.

Para Baruselli, que é zootecnista e gerente de relações institucionais da Tortuga, o pecuarista tem hoje à disposição vários tipos de suplementos - sal para o período de seca, para a época das chuvas, para bezerro, para vaca - e deve, portanto, fazer o melhor uso possível dos recursos, evitando o desperdício. O médico veterinário Zeno Albert, que atua como consultor independente, é outro que faz a defesa do emprego da suplementação mineral: “Só vai sobreviver no mercado quem trabalhar com alta tecnologia e tiver condições de bancar a suplementação. Sem mineralizar não se faz pecuária”. Albert explica que a deficiência de minerais nos solos da Região Centro-Oeste é muito grande, principalmente agora que a maioria das pastagens está muito degradada. “Quanto mais pobre de fósforo for o solo (as áreas arenosas, por exemplo), mais o produtor vai depender dos suplementos minerais para se tornar competitivo”, argumenta.

**CAUTELA** - Quanto aos agricultores, a palavra de ordem é “cautela”. Na opinião de Eduardo Daher, diretor da Anda, o produtor deve fazer as contas, calcular o tamanho da área a ser plantada, quanto vai obter no mercado futuro e



PAMINI

Mauro Osaki, do Cepea/Esalq/USP

## Relação de troca de fertilizantes e produtos agrícolas

(Quantidade de produto agrícola necessária para adquirir 1 tonelada de fertilizante)

	Unidade	2005	2006	2007	2008 (*) Jan-fev
Algodão com Caroço	arroba 15 kg	42,1	39,7	47,2	58,3
Arroz em Casca	saca de 60 kg	22,8	22,3	24,9	29,4
Batata Inglesa	saca de 60 kg	11,4	11,4	13,8	13,9
Café Arábica	saca de 60 kg	2,7	2,6	3,0	3,4
Cana-de-açúcar	saca de 60 kg	21,9	15,9	19,8	29,6
Feijão	tonelada	7,1	7,0	7,7	4,4
Laranja	saca de 60 kg	65,2	48,0	59,7	55,2
Milho	caixa de 40,8 kg	40,1	39,3	37,9	38,2
Soja	saca de 60 kg	19,6	20,4	20,6	19,1
Trigo	saca de 60 kg	30,7	28,0	26,5	29,0

(\*) OBS: Índices Preliminares

observar a relação de troca (quantidade de produto agrícola necessária para adquirir uma tonelada de fertilizante). “Ele não deve agir por impulso e deve analisar a fertilidade do solo antes de definir a quantidade de adubo a ser usada. Quem adota o Sistema de Plantio Direto tem solos mais férteis. É melhor plantar uma pequena área bem tecnificada do que uma área maior sem tecnologia”, aconselha Daher.

O pesquisador Mauro Osaki, do Cepea/Esalq/USP, que participou em fevereiro e março passado de várias edições do Tecnocampo em Mato Grosso - evento realizado pela Aprosoja e a Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT) -, também advertiu agricultores quanto

à necessidade do uso racional dos fertilizantes. “Está na hora de aproveitar a poupança existente. Nas áreas com produtividade alta, não há necessidade de aplicar tanto adubo”, recomenda, reiterando o que a Fundação MT vem defendendo há três anos.

Osaki recomenda, como plano estratégico para os que possuem lotes e/ou talhões com produtividade estável nestes últimos cinco anos, a análise dos nutrientes disponíveis no solo e consulta com um engenheiro agrônomo para estabelecer o melhor programa nutricional para as próximas safras. “A aplicação deste plano pode possibilitar o planejamento de duas ou até três safras seguintes sem aplicação de adubo”, assegura o pesquisador. “O produtor tem que



# Forças ocultas

Num país que se orgulha de ter o maior rebanho bovino comercial do mundo, mas depende tanto da importação de matéria-prima para a fabricação dos suplementos minerais - fundamentais para manter a produtividade da pecuária de corte -, é de espantar que ainda não tenham sido encontradas fontes alternativas de fosfato. Mas parece que a história não é bem assim.

Segundo a única matéria sobre o assunto encontrada na internet, as pesquisas com outras fontes de fosfato surgiram como alternativas mais acessíveis na suplementação mineral e, desde o início da década de 80, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária buscou opções viáveis do ponto de vista biológico e econômico. O superfosfato triplo, um fertilizante agrícola, revelou características similares às do fosfato bicálcico, a um custo entre 30 e 50% menor na mistura final.

Henrique Otávio da Silva Lopes, pesquisador da Embrapa Cerrados (Planaltina – DF) e coordenador das pesquisas com o superfosfato triplo, informa na reportagem da Agência Brasil que, desde 1994, quando a Embrapa encaminhou ao Mapa um documento dando parecer favorável à liberação para uso indiscriminado do superfosfato triplo na alimentação animal, os pesquisadores vêm lutando para alterar a legislação que impedia seu uso.

A reportagem diz ainda que, com a finalidade de baratear os custos, a Embrapa ensinava os produtores a fazer o superfosfato triplo na própria fazenda e os interessados em obter a receita deviam entrar em contato com Henrique Otávio da Silva Lopes, na unidade Cerrados. **Produtor Rural** tentou entrar em contato com o pesquisador, mas ele está aposentado e, até o fechamento desta edição, não conseguiu localizá-lo, porém fontes da Embrapa e produtores rurais entrevistados disseram que a pesquisa com fontes alternativas de fosfato não foram para frente devido a pressões econômicas.

tentar reduzir ao máximo os seus custos para aumentar a margem de lucro. Ele tem que fazer caixa para enfrentar o futuro”, acrescenta Osaki. Segundo ele, o produtor deve plantar variedades transgênicas nas áreas mais sujas, de modo a tentar baixar o banco de sementes de ervas daninhas, e usar variedades convencionais precoces nas áreas limpas.

Lembrando que a alta nos preços dos fertilizantes se dá em função da maior demanda no mercado internacional, Osaki diz que se amanhã os preços das *commodities* agrícolas começarem a cair, certamente os dos fertilizantes não diminuirão na mesma proporção. “Se todo produtor sair correndo para comprar mais fertilizantes de olho na alta dos preços da soja, vai inflacionar ainda mais o mercado de adubos. Portanto, a hora não é de euforia, e sim de cautela”, pondera. Na opinião do pesquisador, o sojicultor não sentiu tanto a alta nos preços dos adubos por causa do aumento nos preços da soja e também porque a produtividade está boa (cerca de 55 sacos/ha nas regiões de Sorriso, no médio-norte, e Primavera do Leste, no sudeste).